

LIMA, Márcio José Silveira & ITAPARICA, André Luís Mota (Orgs). **Verdade e Linguagem em Nietzsche**. Salvador: EDUFBA, 2014.

Gabriel Herkenhoff Coelho Moura¹

O livro *Verdade e Linguagem em Nietzsche*, organizado por André Luís Mota Itaparica e Márcio José Silveira Lima, reúne oito artigos apresentados por ocasião do XXXII Encontros Nietzsche, seminário promovido pelo Grupos de Estudos Nietzsche (GEN) e realizado em Salvador, em 2012. Publicada em 2014, a unidade da obra, como indica o título, passa pelo compartilhamento de uma temática comum: a relação entre linguagem e verdade no pensamento nietzschiano. Apesar de reconhecermos a estreiteza de uma tal relação, cabe ressaltar que é o problema da linguagem que ocupa posição central, sendo, sem dúvidas, sua articulação com a verdade um elemento observado por diversos dos autores. Nesse sentido pode-se dizer que o leitor da obra descobre que o ponto mínimo para o qual convergem os autores é a importância da reflexão sobre a linguagem para os caminhos tomados pelo pensamento nietzschiano. Isso não significa, no entanto, que haja comunhão em torno de uma tese geral que apenas seria desdobrada por autores distintos. Pelo contrário, um dos méritos do livro reside justamente no fato de apresentar a complexidade e riqueza do pensamento nietzschiano a partir de uma certa temática.

O resultado é a emergência de um fecundo diálogo entre os artigos, não só pelas concordâncias, mas também pelas divergências interpretativas. Ou seja, a unidade temática da obra não leva a um achatamento do problema, mas serve como ponto de partida para a emergência da pluralidade de perspectivas, o que se mostra na ênfase dada pelos autores a diferentes aspectos da filosofia nietzschiana, tais como: o exercício de crítica e criação *na* linguagem; a preocupação do filósofo com a estilística de seu texto; e as articulações da linguagem com a verdade, a metafísica, a vida, a arte, a moral, a retórica e a lógica. Como uma breve introdução à essa diversidade, apresentaremos os artigos do livro buscando ressaltar as proximidades entre alguns deles, os pontos de distanciamento, os elementos mais importantes apresentados e algumas possíveis contribuições para a *Pesquisa Nietzsche*.

Um primeiro elemento a ser notado é que a obra inicia-se e se encerra com textos que indicam claramente a imbricação entre o problema da linguagem e a dupla dimensão da

¹ Doutorando em Filosofia no Programa de Pós-graduação em Filosofia da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, PR, Brasil. E-mail: gabriel.herkenhoff@gmail.com.

filosofia nietzschiana, a saber: negativa e afirmativa. No artigo que abre o livro, *Nietzsche e o problema da linguagem: a crítica enquanto criação*, Scarlett Marton aponta uma possível articulação entre crítica e criação no pensamento nietzschiano a partir da tese que “sua exigência de uma nova linguagem só será satisfeita à medida que ele realizar sua crítica” (p.16). Assim, Marton pretende, por um lado, ressaltar a estreita ligação entre as duas faces da filosofia de Nietzsche e, por outro, sustentar que ele “não é um pensador que se debate aprisionado nas redes da linguagem” (p.17). Para tanto, Marton parte das críticas de Nietzsche à linguagem: primeiro, pela recusa à ideia de correspondência entre palavra e mundo em *Sobre verdade e mentira no sentido extra-moral* (1873); e, depois, com a concepção de que há “uma mitologia filosófica escondida na linguagem” (p.22). Com essas críticas, o filósofo teria mostrado que “certezas” metafísicas, como a crença em um sujeito nuclear causador de ações e em unidades fixas e imutáveis, constituem-se como justificção retroativa e hipostasiação das estruturas gramaticais. Nietzsche teria, então, a partir dessa compreensão, buscado recursos linguísticos para ultrapassar a metafísica escondida na linguagem e expressar o caráter dinâmico do real (cf. p.36).

Antônio Marques, no artigo *Reflexão e gramática filosóficas em Nietzsche*, que fecha a obra, apresenta a mesma preocupação de ligar os âmbitos negativo e afirmativo da filosofia nietzschianas, mas também algumas diferenças cruciais em relação a Marton. Primeiramente, ele procura delimitar especificamente a relação entre linguagem e moral em *Sobre verdade e mentira* como modo de pensar aquilo que seria o *extramoral*. Em segundo lugar, Marques enfatiza na análise do âmbito afirmativo da filosofia nietzschiana menos a questão especificamente da linguagem e mais a tentativa nietzschiana de pensar uma outra forma de vida possível. Nesse sentido, após argumentar que em *Sobre verdade e mentira* Nietzsche aponta para o caráter gregário da comunicação e arbitrário das palavras, ou seja, sua não-correspondência à realidade, Marques fornece outro elemento interessante. Se há em tal texto uma certa continuidade entre o nível instintual e o linguístico, no sentido da autopreservação e da manutenção da vida em sociedade, afirma, “essa mesma continuidade não tem lugar em relação à reflexão filosófica, que nesta obra é identificada com uma concepção extramoral da verdade e da mentira” (p.141). Ou seja, a reflexão filosófica nietzschiana *por meio* da linguagem apresenta-se como capaz de superar essa relação mais primordial e isso o daria abertura para não ficar preso ao registro negativo da reflexão. Nesse sentido, a perspectiva *extramoral* de 1873 já teria aberto o caminho que desembocaria, mais tarde, na afirmação da

vida nobre. Infelizmente, Marques não aprofunda tal hipótese, deixando-a como indicação de caminho a ser percorrido².

Se em Marques fica a promessa, o problema da relação entre a linguagem e um determinado modo de vida é desenvolvido no segundo artigo do livro: *Ser uma experiência para si próprio: como tornar-se um espírito livre?* de Maria Filomena Molder. Tomando como elemento norteador a pergunta “como tornar-se um espírito livre?”, a autora realiza uma análise do prefácio de 1886 a *Humano, demasiado humano*, a partir da compreensão de que um tal *tornar-se* pode ser vislumbrado a partir da experiência ali narrada. Assim, o caráter poético do texto nietzschiano, que se daria “pelo gênero de precisão conseguida” e deixaria “falar a própria coisa” (p.46), possibilitaria vermos a emergência da linguagem a mostrar um acontecimento vivido. Ou seja, o “deixar falar a própria coisa” conseguido por meio da linguagem, diz respeito, no caso, a deixar falar a própria experiência de tornar-se um espírito livre, que Molder busca remontar a partir de passagens do prefácio. Seu ensaio encaminha-se, então, como uma cuidadosa exegese do texto nietzschiano e encerra-se com a observação de que se trata do relato de alguém que por meio de uma linguagem poética mostra sua trajetória compartilhando uma vivência.

Nietzsche acerca da persuasão wagneriana, de autoria de Emmanuel Salanski, apresenta a tematização da relação entre linguagem e arte, analisando a “evolução da avaliação de Nietzsche sobre Wagner a partir de uma perspectiva retórica” (p.59). Segundo o autor, a necessidade de se olhar com atenção para a questão da retórica justifica-se pelo fato de que se em *Richard Wagner em Bayreuth* emergiria a ideia de que a arte tem como objetivo comunicar uma vivência e causar um efeito sobre o público, em *O Caso Wagner* uma das críticas é que Wagner coloca sua arte a serviço de uma *retórica teatral*. Para delimitar a importância da retórica para a estética nietzschiana, Salanski recorre a um curso do filósofo intitulado *Retórica* (1874). Tal paralelo mostra-se promissor pelo fato de que a retórica é compreendida em tal curso como essência da linguagem, e “toda linguagem artística participa dessa essência” (p.63). Por meio de um tal problema, Salanski indica haver, então, uma importante relação entre arte e persuasão no pensamento nietzschiano, que se desdobraria na distinção entre uma persuasão aceitável e outra perniciosa. Esse seria um dos elementos centrais, segundo ele, para se interpretar a mudança de perspectiva acerca do drama musical wagneriano da *Consideração Extemporânea IV* para *O Caso Wagner*. O coração dessa variação seria não o fato do músico

²Afirma ele: “A existir uma proposta positiva de forma de vida, que supere positivamente as formas de vida que sustentam as gramáticas da metafísica, [...] ela deve, a nosso ver, procurar-se na experiência de pensamento que representa o homem nobre” (p.153).

alemão recorrer à retórica, mas o fato de que “Wagner produz uma persuasão nociva” (p.71), tanto por sua excessiva sentimentalidade e teatralidade, quanto por sua cumplicidade com a degenerada cultura alemã.

Wilson Frezzatti propõe-se a refletir acerca de uma outra relação e com um outro interlocutor nietzschiano. Em *Verdade e sociedade: algumas considerações sobre Nietzsche e Montaigne*, o autor aponta a relação entre linguagem e sociedade, especificamente no plano da moralidade, a partir de aproximações entre Nietzsche e Montaigne. Tal proposta é justificada pelo autor a partir do reconhecimento de que Nietzsche havia lido o francês, de que ele o elogia em algumas passagens de sua obra, mas também pela compreensão compartilhada por ambos pensadores de que a verdade é formada pelo hábito e pelo comportamento gregário, de modo que ela não passa de uma ilusão que se cristaliza e assim não é mais vista como tal. O que se crê como verdade seria, portanto, para os dois filósofos fruto da constituição da vida em sociedade³. Desse modo, o ponto fundamental seria que, tanto em Nietzsche quanto em Montaigne, por meio da linguagem não atingimos o cerne das coisas, de modo que aquilo que é próprio da linguagem é seu caráter metafórico – e ambos usam precisamente o termo “metáfora”. Assim, haveria uma proximidade entre eles na problematização do hábito como representação de valores eternos e absolutos. Justamente isso estaria em jogo em passagens em que Nietzsche faz do francês um antagonista do cristianismo – inclusive a despeito do fato de que Montaigne afirma possibilidade de se conhecer a verdade por meio de Deus (cf. p.89). Nesse sentido, Frezzatti conclui apontando que a admiração de Nietzsche deve-se ao fato de que ele “identifica em Montaigne algo próximo de seu perspectivismo: uma loquacidade prazerosa em escrever acerca de facetas sempre novas das mesmas coisas. Nietzsche encontra em Montaigne um semelhante” (p.90-91).

Precisamente essa discussão sobre a estreita ligação entre linguagem e moral é o tema do artigo de Ivo da Silva Júnior, intitulado *Linguagem e moral em Nietzsche*. A tese defendida pelo autor é que a questão da moral em Nietzsche pode ser pensada recusando-se qualquer fundamento, mesmo imanente e mesmo reconhecendo-se a importância do âmbito fisiopsicológico em sua filosofia. A interpretação de Silva é que entender a moral como uma *semiótica dos afetos*, significa entendê-la como *expressão* de nossos afetos, e “justamente por ser uma expressão, exclui toda e qualquer inferência causal que se queira impor entre um estado fisiopsicológico e uma moral” (p.95). O autor nota, então, que Nietzsche pretende apenas uma

³ Com a diferença, apresentada, mas não ressaltada, por Frezzatti, de que se Nietzsche busca uma olhada extramoral, Montaigne quer se manter no plano moral, uma vez que mentir é “um vício odioso e deve ser combatido desde a tenra idade” (p.86)

outra descrição dos fenômenos morais e para isso ele recorreria a uma “história natural da moral”, não como busca da “natureza da moral”, mas como superação da crença em uma essência. Isso nos parece crucial na medida em que aponta para a recusa de uma interpretação naturalista ingênua, que obscureceria o fato de que a moral constitui-se historicamente, com a participação de elementos fisiopsicológicos e culturais. E o autor vai além ao observar que, ao impor limites à linguagem em *Sobre verdade e mentira* – tomada em seu caráter *metafórico* – e, mais tarde, em *A Gaia Ciência* (cf. GC 354) – entendida como *abreviação* da totalidade pulsional-afetiva –, Nietzsche deixaria clara a impossibilidade de dizer algo sobre a essência do real. Sua descrição da moralidade constituir-se-ia, então, não como tentativa de lançar luz sobre um suposto fundamento fisiopsicológico, mas como uma interpretação da mesma a partir de suas expressões.

A continuidade entre os textos do período de juventude e os de maturidade no que diz respeito aos limites da linguagem é a questão fundamental de André Luís Itaparica no artigo *Nietzsche: crítica à metafísica como crítica à linguagem*. Seu ponto de partida é o de que a tematização da linguagem no curso *Retórica* e em *Sobre verdade e mentira no sentido extramoral*, estaria ligada à crítica ao socratismo teórico de *O Nascimento da Tragédia*, “a ideia de que a linguagem verbal e a lógica sejam meios capazes de revelar a natureza da realidade metafísica” (p.107). A concepção da retórica como essência da linguagem seria fundamental por permiti-lo elaborar uma crítica à pretensão do pensamento lógico de desvelar as coisas em si mesmas, e apontar para os tropos linguísticos como anteriores à própria lógica. Itaparica observa que, se nos textos posteriores o filósofo não continua na tematização da retórica, a crítica à lógica se mantém a partir da compreensão de que a estrutura gramatical é transposta para a estrutura do mundo. Nietzsche passa a apontar, então, que, por meio de uma psicologia grosseira baseada na estrutura gramatical, identificou-se o sujeito com um substrato unitário e permanente causador de atos voluntários, o que originaria a “concepção de um mundo composto de entidades estáveis, idênticas a si mesmas, unidas por relações causais” (p.114). Nesse sentido, observa Itaparica, o esforço de Nietzsche seria encontrar uma forma de expressão que não ficasse presa aos preconceitos metafísicos implícitos na linguagem, e o permitissem se aproximar mais do caráter dinâmico da realidade.

Márcio José Lima, em *Lógica e retórica no jovem Nietzsche*, ajuda a prolongar essa discussão em torno dos limites da lógica e da possibilidade de seu ultrapassamento *na* própria linguagem. Talvez a grande contribuição de Lima seja apontar que já no período de juventude para além da dimensão crítica da linguagem, já existe um movimento positivo. Segundo o autor,

isso ficaria claro se notarmos as discussões sobre a linguagem neste período apresentam uma preocupação com a retórica a partir de dois pressupostos: o de que “ a retórica é tratada com desprezo ou tratada a partir de um empirismo grosseiro” e, conforma a compreensão de *Sobre verdade e mentira*, “de que a retórica e a metáfora são sinônimas” (p.123). Dessa forma, além da crítica à ideia de verdade como adequação, abrir-se-ia a possibilidade uma interpretação mais ampla da linguagem baseada no fato de que a própria estrutura cognitiva procede, no limite, por meio de metáforas. Lima salienta que no curso de *Retórica* o filósofo leva o problema ainda adiante ao se preocupar em indicar como outros tropos podem auxiliar na compreensão do processo de conhecimento. Tal passo permitiria ao filósofo indicar o fundo ilógico da verdade e da lógica, de modo que, o autor encerra, “é na retórica que ele encontra a possibilidade de devolver à linguagem sua riqueza e por isso mesmo maior capacidade de exprimir a pluralidade e dinâmica do mundo” (p.133).

Para aproveitar o ensejo dessa última passagem, um ponto interessante dos oito artigos reside no fato de que, em maior ou menor medida, eles indicam a busca nietzschiana de tensionar a linguagem de tal modo que, mesmo reconhecendo os limites da mesma, ele ainda procura saídas para expressar sua perspectiva própria. E é notável o fato de que, além de *Sobre verdade e mentira no sentido extra-moral* – cuja importância para as reflexões de Nietzsche acerca da linguagem já nos parece mais consolidada –, alguns dos autores propõem-se a abordar os textos nietzschianos de juventude sobre retórica. Essa parece-nos uma contribuição importante, tendo em vista que tais textos ainda carecem de maior atenção⁴ e que eles abriram caminhos – ainda que reconheçamos desvios – para questões centrais do pensamento nietzschiano. Dessa maneira, visto como um todo, *Verdade e Linguagem em Nietzsche*, apesar das dificuldades impostas por um livro tecido a partir de linhas de tons variados, mostra-se como uma obra proveitosa por dois motivos principalmente. Primeiro, por favorecer o contato

⁴ Sintomática é o caráter difuso das traduções para o português dos cursos ministrados por Nietzsche no final dos anos 60 e início dos 70. Disponível em português temos: a introdução à *Preleção sobre gramática latina* (1869-1870), intitulada “Da origem da linguagem”, que teve uma tradução, realizada por Roberto Barros, publicada na *Estudos Nietzsche* de jan.-jun. de 2013; e o *Curso de Retórica* (1872-1873), que foi traduzido por Thelma Lessa da Fonseca para os *Cadernos de Tradução*, n.4, DF/USP, 1999. Apenas como comparação, tais cursos foram traduzidos já em 1970 para o francês por Philippe Lacoue-Labarthe e Jean-Luc Nancy para a *Rèvue Poétique*, 2, n.5, 1970; além disso, em 2000, foram traduzidos e reunidos em um único volume pela editora espanhola Trotta cf. NIETZSCHE, F. *Escritos sobre retórica*. Edição e tradução de Luis Enrique de Santiago Guervós. Madrid: Editorial Trotta, 2000. No que diz respeito à literatura secundária brasileira, não podemos deixar de ressaltar três trabalhos publicados em língua portuguesa – certamente existem outros, esses são apenas aqueles com os quais travamos contato: Rogério Lopes abordou alguns desses cursos no livro *Elementos de retórica em Nietzsche* (cf. LOPES, R. *Elementos de retórica em Nietzsche*. São Paulo: Loyola, 2006, sobretudo, seções 2 e 3 da Primeira Parte); bem como, o artigo *Nietzsche e os Cursos sobre Retórica* de Rosana Suarez, publicado em *O que nos faz pensar*, n.14, agosto de 2000; e, por fim, o artigo de Manuel Barrios Casares – traduzido por Wilson Frezzatti Jr. –, *O “giro retórico” de Nietzsche*, que foi publicado na revista *Cadernos Nietzsche*, n.13, 2002.

com diferentes abordagens sobre o problema da linguagem no pensamento nietzschiano; e, em segundo lugar, por fornecer indicações e chaves de leitura sobre escritos menos conhecidos do filósofo, que, como bem notam Itaparica e Silva na apresentação do livro, “dão mostras de uma originalidade que torna seu autor ainda um nosso contemporâneo” (p.8).